

# A vida toda num só dia

“...Temos fantasmas tão educados  
Que adormecemos no seu ombro  
Somos vazios despovoados  
De personagens de assombro...”

Natália Correia

proposta de Viviane De Muynck e Jan Lauwers, da companhia belga Needcompany, que pegam no último capítulo do extenso volume de *Ulisses* para expor a um tempo em cena, não só o longo monólogo interior de Molly Bloom, como as dobras da própria linguagem que se corporiza dramaticamente no pensamento. Desafio tremendo, este, de expor um texto, que se quer interno e em que é pela leitura, de língua reinventada (destroçada) e pelo próprio pensamento em turbilhão, que se constrói a personagem. Interpretação, representação, significa sempre uma outra leitura que se faz em palimpsesto sobre um texto. Nesta peça este desafio, que é o primeiro do teatro, assume uma outra dimensão. Resgata do texto, transpondo-o para cena, um dos principais assombros do livro: o vórtice de um ritmo de leitura.

Ao longo do livro, quase tudo o que sabemos a respeito de Molly Bloom passa pelo filtro de um outro, torna-se existência, do ponto de vista da sua caracterização, enquanto personagem, na depen-



© Maarten Vander Abeele

De Muynck regressa a Almada com o último capítulo mais famoso da literatura universal

dência exclusiva na forma como as outras personagens a vêem. É só através do monólogo/soliloquio final, quando deitada ao lado do marido, que nos apercebemos que tem uma voz, um discurso. Entregue a um rodopio, sem filtros, do seu pensamento e à tarefa homérica de escutar e dar a ouvir a sua voz, como sujeito, da sua história, da sua memória e dos seus desejos. Nos pensamentos de Molly so-

mos violentamente transportados para longe, no tempo e no espaço, assistindo a um confronto com uma liberdade (ou um desejo de liberdade) intensa, que põe em causa convenções sociais e religiosas da época. Na clausura do quarto, Molly dá voz a si própria, atingindo uma dimensão humana, não de género, onde o corpo e as suas necessidades físicas são um constante *sim*. | **Pedro Barros**

## O extraordinário de cada um

Em 2020, o Festival de Almada convidou a criadora Madalena Victorino para partilhar os seus conhecimentos práticos e teóricos, a respeito da dança, no seminário *O Sentido dos Mestres*. As cinco sessões do *workshop* foram transcritas e editadas, constituindo um conjunto de reflexões: *A dança como arma*, lançado ontem à tarde. Numa conversa acerca dos conceitos-motor do livro, Madalena Victorino juntou-se a João Maria André e Inês Faria com o objectivo de estimular a reflexão dos espectadores ali presentes.

Foi-nos apresentada a dança enquanto acção próspera no terreno

do “ainda não”, fertilizada pelas possibilidades da criação e transformação do que ainda não existe, e que, todavia, será.

Ao longo dos cinco capítulos do livro, que deambulam como “conceitos arquipélago” e que ecoam em auto-referências, exploram-se os significados da Energia, do Corpo, do Espaço, da Diferença, do Possível e do Acto de Democratizar. Madalena Victorino defende que nos seus movimentos existe uma arma que, neste âmbito, não é necessariamente um dispositivo de morte. Trata-se antes de uma arma que carrega consigo o sentido de transformação, e, portanto, da vida.



Até 25 de Julho o livro de Madalena Victorino está em promoção de lançamento no TMJB

Para a coreógrafa, a dança é o meio de devolver às pessoas o poder sobre as suas próprias existências, que foram expropriadas pelo quotidiano. Madalena Victorino pretende com os seus passos empoderar os corpos num compasso – às vezes não ritmado, mas sim individual e verdadeiro. Não é somente uma

coreógrafa, ou uma professora, mas sim uma criadora, que extrapolou no seu trajecto os limites de uma só profissão, e que hoje tem como objectivo ser a comunicadora da experiência de estar viva, pausada simplesmente pelo desejo de “querer dançar com toda a gente” e sentir o extraordinário de cada um.

© Luana Santos

# Persistir é preciso



Joaquim G. Ferro  
50 anos de plateia

Tive a oportunidade de assistir ao gesto fundador de Joaquim Benite, quando em 1971 o Grupo de Teatro de Campolide levou à cena *O Avançado-Centro morreu ao Amanhecer*, de Agustín Cuzzani. Estava definido o ADN da Companhia de Teatro de

Almada nos 50 anos que se seguiram: fazer do teatro a *Obra de Arte Viva* (Adolphe Appia, 1920).

Em 2015 regressei ao Teatro Municipal de Almada, no âmbito do 33.º Festival.

O que transformou este regresso numa fidelização apaixonada, com o mesmo interesse que me levou ao Teatro de Campolide, em Abril de 1971, foi reconhecer que o projecto não perdeu o rumo e ganhou fôlego.

- Consistência e coerência de valores expressos na programação que a direcção de Joaquim Benite assegurou desde o início até à sua morte e que a direcção de Rodrigo Francisco (com alto nível de competência e sem equívocos) consolidou e desenvolveu.

- A possibilidade de conhecer, viver e sentir imortais obras literárias, desde a antiguidade clássica à actualidade, numa leitura criativa dos problemas reais das pessoas, a que actores de elevado nível e total dedicação (personagens de carne, osso e sangue), dão corpo em palco, conferindo verdade à concepção de Federico García Lorca sobre o teatro como “a poe-

sia que se levanta do livro e se faz humana”.

- A demonstração, através de artistas de diversos países, que a cultura é (deve ser) uma forma de derrubar barreiras e criar laços, sem fronteiras.

- O sentirmos toda uma comunidade empenhada, desde os actores, os encenadores, os técnicos, os dirigentes, trabalhadoras da bilheteira, assistentes de sala, trabalhadoras do restaurante, até a um público fiel e participativo.

- A crescente oferta de uma programação de interesse para todas as idades, fazendo da arte uma expressão e aprendizagem para toda a vida.

- A coragem de toda uma equipa extraordinária que, mesmo em situações tão adversas como as criadas por esta pandemia, nunca baixou os braços e, com exemplar organização, manteve uma programação e um festival internacional de teatro, mobilizando várias companhias profissionais de teatro, música e dança, e grupos de teatro experimental, de Portugal e do estrangeiro.

Persistir neste rumo, é preciso.

## O FESTIVAL VISTO DE FORA

# O Festival, espelho do mundo

Ao Festival de Almada, as atrizes e os actores vêm dizer-nos como vai o mundo, quer os grupos e os seus encenadores sejam de Portugal ou de países estrangeiros. Cada um conta-nos uma história com as suas próprias palavras, na sua própria língua, na sua própria cultura, e com a dramaturgia e a cenografia que lhes são próprias.

O programa, rico na sua diversidade, permite ao público descobrir novos textos, ou redescobrir peças mais clássicas. Aqui, o público ouve e observa com particular atenção. Reagem, comovem-se, por vezes riem-se, aplaudem sempre, e são sempre convidados a reflectir: todos saem diferentes dos espectáculos, tendo aprendido algo sobre o mundo, sobre os outros e sobre



Janine Bailly acompanha o Festival com o seu companheiro, Paul Chéneau, desde 1998

si próprios... Algo sobre o passado e o presente, sobre um futuro que também devemos construir, um futuro mais justo e feliz...

Volto ao Festival de Almada sempre que a vida mo permite, depois de Joaquim Benite me ter convidado: encontrámo-nos... no

Festival d'Avignon! Sinto-me no coração do mundo, e ao mesmo tempo como parte de uma família que reúne amantes do teatro, amantes de um festival inteligente, acolhedor e caloroso! | **Janine Bailly**, crítica em *Mondes francophones* e *Madin'art*

# Amanhã há conversa com o público

Às 18h, na Escola D. António da Costa, Rodrigo Francisco, encenador de *Um gajo nunca mais é a mesma coisa*, vai-nos falar da mais recente produção da CTA, uma das estreias do Festival de Almada. *Um gajo nunca mais é a mesma coisa* aborda a temática pós-colonial. A moderação da conversa estará a cargo da professora e crítica de teatro Maria João Brilhante.

## AGENDA DE AMANHÃ

18:00

**Conversa com Rodrigo Francisco**  
Esplanada do Festival

20:30

**Um gajo nunca mais é a mesma coisa**

Sala Experimental do TMJB

20:30

**Discurso sobre o filho-da-puta**  
Teatro-Estúdio António Assunção

20:30

**Miguel de Molina al desnudo**  
Academia Almadense

20:30

**Molly Bloom**  
Incrível Almadense

RESTAURANTE  
DO THEATRO

HOJE

Rolo de carne com tâmaras  
Pescada com ameijoas

AMANHÃ

Ervilhas com ovos escalfados  
Bacalhau com broa e alheira

Teatro Municipal Joaquim Benite  
Av. Prof. Egas Moniz • Almada